

## **2. O ser humano como Imagem de Deus antes do pecado**

Neste primeiro capítulo nós vamos analisar como Brunner entende a Imagem de Deus no ser humano antes do pecado. Por isso será tratada a questão das origens do ser humano. O Autor ora analisado entende que é fundamental a construção de uma doutrina do estado primitivo que dialogue com o pensamento moderno. A proposta do autor analisado é criar uma doutrina do estado primitivo tendo como chave hermenêutica as informações (idéias teológicas) contidas no Novo Testamento. Sendo assim, a teologia brunneriana procura compreender o estado original do ser humano não a partir no livro de Gênesis, como comumente fazem os teólogos, mas através das novidades apresentadas na revelação de Jesus Cristo.

Este capítulo se dividirá em duas grandes partes: análise das origens do ser humano, quando será mostrado a importância desta reflexão para a construção teológica e a necessidade dela ser flexível e adequada aos dias atuais; e a partir da idéia de que o ser humano foi criado para responder ao amor de Deus, a segunda parte tratará também da vontade de Deus para o ser humano e a fragilidade como elemento fundamental deste que é conclamado a viver a vontade de seu Criador (viver-no-Amor-de-Deus).

Claro que em cada tópico e sub-tópico nós apontaremos a presença da doutrina da *Imago Dei* do teólogo analisado neste trabalho acadêmico. É com esta metodologia que procuraremos ser fiel ao propósito descrito na introdução geral.

### **2.1. A questão da origem do ser humano**

Nesta parte a pesquisa trataremos da questão da origem do ser humano. Com o intuito de construir uma doutrina do estado primitivo atual, Brunner apresenta elementos que devem compor esta doutrina. Será mostrado como o pensamento brunneriano usa a chave de leitura cristológica para entender o ser humano criado por Deus antes do estado de pecado. É justamente nesta

consideração cristológica que ficará mais evidente a doutrina da *Imago Dei* no ser humano criado por Deus segundo o pensamento brunneriano.

Primeiramente nós vamos analisar as considerações do autor sobre a doutrina do estado primitivo, mostrando a complexidade deste tema, complexidade esta oriunda tanto da narrativa bíblica como do desenvolvimento desta doutrina no seio da Igreja. Depois será considerada a importância de tratar o assunto das origens a partir das novidades trazidas pela revelação neotestamentária. Por fim, mostraremos como Brunner vê o ser humano criado por Deus originalmente.

### 2.1.1. A doutrina do estado primitivo

A fim de compreender como Brunner vê a Imagem de Deus no ser humano antes do pecado, nós apresentaremos o seu pensamento sobre a doutrina do estado primitivo. Esta doutrina do estado primitivo sempre foi importante para “todas as teologias” desde o início do cristianismo, pois trata-se de um assunto de suma importância para a construção teológica .

Para Brunner, no entanto, é necessário desenvolver o pensamento sobre um estado primitivo antes do pecado, sem incorrer no erro de tomar formulações teológicas que já estão obsoletas, pois ele se preocupa em construir um discurso que seja compatível com a visão de mundo “pós-copernicana”<sup>1</sup>.

Pois a maneira de ver o mundo mudou completamente desde a Idade da Revolução Científica, – nos séculos XVI e XVII – começando com Nicolau Copérnico, que propusera teorias astronômicas que se chocavam diretamente com a concepção geocêntrica de Ptolomeu e da Bíblia. A Revolução Científica teve a sua mais elevada definição com as descobertas científicas de Galileu Galilei (considerado o pai da ciência moderna), e ainda sucedeu a este as conclusões de Descarte, Newton e Darwin. Sendo assim a Revolução Científica passou a proporcionar uma visão do cosmos diferente do Período Medieval, que tinha como pilares: Aristóteles e a Igreja. E as consequências para se entender a realidade foram imensas, mas o que nos interessa é o fato de que o ser humano

<sup>1</sup> BRUNNER, Emil. *Dogmatics (vol. II), The Christian Doctrine of Creation and Redemption*. London: Lutterworth, 1952, pp. 48-49.

deixou de ser o centro do Universo, como era concebido pela filosofia clássica e pela Igreja, e passou a ser considerado como mais uma parte do grande quebra-cabeças que era o mundo<sup>2</sup>. É diante desta completa mudança de perspectivas que Brunner insiste na necessidade de abandonar a antiga visão do cosmos para que se possa construir uma teologia coerente com as inevitáveis mudanças trazidas sobre as origens do planeta e do ser humano desde os descobrimentos científicos de Copérnico.

O pensamento brunneriano demonstra que há sérias implicações pensar a Doutrina do Estado Original tomando o relato de Adão no Paraíso de maneira literal, porque se for assim, seria necessário reconhecer que Adão foi um ser humano contemporâneo aos dias da criação, e que ele estaria diretamente ligado a descendência de Abraão. Todavia, a ciência já havia demonstrado que isto é impossível, pois o homem tem as suas origens no fim da Era Terciária, ou Quaternária – que é mais do que cem mil anos atrás – em uma forma ainda bem primitiva, bem diferente das qualidades apresentadas para Adão no Paraíso. O mundo teria a sua origem há milhões de anos antes do surgimento do primeiro vestígio humano<sup>3</sup>.

Brunner tem a intenção de falar ao mundo moderno, que trouxe mudanças drásticas na maneira de ver a realidade<sup>4</sup>. São a essas mudanças que ele se refere ao aconselhar os “teólogos modernos” a não seguirem uma apologética preguiçosa, mas a aceitarem que precisam considerar as mudanças<sup>5</sup>. No entanto a teologia resultante da consciência das inevitáveis mudanças trazidas pela ciência moderna, não poderia ser também uma adequação irresponsável do conteúdo teológico com as atuais descobertas da ciência.

---

<sup>2</sup> CAPRA, F. *O Ponto de Mutação. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. São Paulo: Cultrix, 2006, pp. 49-69.

<sup>3</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 50.

<sup>4</sup> García Rubio aponta como uma das principais razões do surgimento do mundo moderno – com sua cosmo-visão - o uso da ciência experimental. A ciência experimental usou métodos matemáticos e mecanicistas que até então a “antiga ciência” baseada na Metafísica, sobretudo, não havia experimentado. Isso trouxe ao homem moderno uma compreensão completamente diferente da Natureza e outras realidades que cercam o ser humano. Como diz o próprio García Rubio: “O método e o conhecimento experimental medeiam o aparecimento de uma nova visão de mundo e de homem” (Cf. RUBIO, A.G. *Unidade na Pluralidade. O Ser Humano à Luz da Fé e da Reflexão Cristã*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001, pp. 24-25).

<sup>5</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol.II)*, p.33.

Os esforços feitos por alguns teólogos para tentar adequar as descobertas científicas da origem do ser humano com a figura de Adão no Paraíso parece para Brunner uma tentativa de fundamentação histórica perigosa e insustentável<sup>6</sup>.

Com isso, Brunner quer mostrar que tanto aqueles que tomam o texto de maneira literal – querendo fazer uso de uma visão de mundo ultrapassada – como os que tentam fazer uma adequação da figura de Adão no Paraíso com o Homem de Neandertal seguem caminhos errados. Para ele apenas um terceiro caminho era aconselhável: o abandono da visão de mundo antiga “pré-copernicana”, bem como o descarte da tentativa de identificar o ser humano descoberto pela ciência com Adão no paraíso. Mas Brunner teve a preocupação de considerar que este terceiro caminho não poderia renunciar a existência de uma real *Doutrina da Queda*. Pois sem esta, a idéia bíblica da distinção da criação segundo Deus e do estado de pecado do ser humano hoje, bem como toda a doutrina bíblica da redenção e salvação estariam totalmente comprometidas, o que seria um desastre<sup>7</sup>.

Brunner também classificou como desastrosa a tentativa de alguns teólogos que para salvarem uma suposta doutrina da queda, criaram a idéia de uma queda transcendental ou meta-histórica; assim, é formulada a idéia de um Adão pré-existente que teria sofrido uma queda metafísica. Este pensamento integra idéias platônicas e kantianas com a verdade bíblica de que de alguma forma o ser humano se afastou do Deus que o criara. Sobre as conseqüência desta postura, expressa Bruner:

“Em assim fazendo eliminam a diferença entre tal visão transcendental de Adão e a visão Agostiniana, histórica, pela descrição da história de Gênesis como uma “lenda”, ou coisa parecida. O ganho é evidente: todas as possibilidades associadas a uma visão de “Adão” como uma figura histórica foram eliminadas, e esta visão não discorda da visão moderna do tempo e do espaço. Mas, o preço que pagamos por esta solução também é alto: levamos a uma visão platônica da Criação como um todo, que deve ter um efeito desastroso na doutrina do Pecado e da Queda<sup>8</sup>.”

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 51.

<sup>8</sup> “In so doing they wipe out the difference between such a transcendental view of Adam and the Augustinian historical, view by describing the Genesis story as a “legend”, or something of that kind. The gain is evident: all the impossibilities connected with a view of “Adam” as an historical figure have been eliminated, and this view does not clash with the modern view of time and space. But the price which we pay for this solution is too high: it leads us into a “platonizing” view of Creation as a whole, which must have a disastrous effect on the doctrine of Sin and the Fall” (Ibid.)

Brunner entende ser um grande desafio e vital necessidade a formulação de uma nova visão da *Doutrina do Estado Primitivo*. Trata-se de um grande desafio, porque uma doutrina do *Estado Primitivo* atual deve abrir mão do uso histórico de Adão, bem como rejeitar biblicamente a infundada idéia de uma queda e estado primitivo transcendentais. A formulação do *Estado Primitivo* é necessária, porque somente ela explica a natureza do ser humano segundo a criação, e como a Queda o tornou um ser em pecado<sup>9</sup>. Sendo assim, a Teologia não pode se dá ao luxo de negligenciar a necessária formulação de uma *Doutrina do Estado Original* que se sustente frente às novas descobertas científicas. A saída desta aporia, segundo o pensar brunneriano, não está em outro lugar senão na revelação bíblica: na máxima revelação de Deus, Cristo, o ser humano passa a melhor se conhecer. É justamente isto que será tratado logo a seguir.

### 2.1.2.

#### **O entendimento da criação do ser humano a partir do Novo Testamento**

Brunner entende que para compreender o ser humano de maneira adequada é necessário ter como base as declarações do Novo Testamento, ou seja, é no corpus neotestamentário que se encontra grande possibilidade de construir uma *Doutrina do Estado Primitivo* atual, e não como a exemplo de muitos teólogos, a partir do Antigo Testamento. Na verdade, Brunner considera que todos os artigos de uma verdadeira teologia cristã devem buscar a sua fundamentação em Jesus Cristo<sup>10</sup>. É com esta *hermenêutica cristológica* que ele via as respostas para as origens do ser humano no âmbito teológico<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 52.

<sup>10</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 6.

<sup>11</sup> Karl Rahner também percebeu a importância que havia na atualização hermenêutica do discurso teológico, se ele pretende ser ouvido pelo ser humano moderno. Este teólogo em suas reflexões entendeu que a antropologia deveria ter um lugar de destaque, pois o ser humano é o sujeito do conhecimento e a possível alteridade de Deus. Através da consideração do que ele chamou de antropologia-transcendental – reconhecimento de que o homem está voltado para Deus – Rahner entendia que há várias portas de entradas, dentro da própria experiência humana, onde o conteúdo teológico pode ser exposto ao homem moderno. E estes nexos existem porque o ser humano tem em sua natureza uma estrutura espiritual-pessoal e transcendental. Mas o que mais importa do pensamento deste teólogo como contribuição para a presente pesquisa é a consideração que ele dá a Cristo como o desvendamento do mistério de intimidade e amor existente entre o homem e Deus. Para Rahner, grande parte das afirmações antropológicas (ressurreição, graça divinizante) seriam inimagináveis sem que houvesse uma Cristologia. Ele entendeu que o meio pelo qual a teologia

Mas também é importante deixar claro que Brunner não ignorava as referências do Antigo Testamento, pois a Cristologia como chave de leitura proporciona o aproveitamento de muitos princípios teológicos presentes no relato da origem do ser humano nos primeiros capítulos de Gêneses<sup>12</sup>.

Na verdade, a teologia brunneriana compreende que como na doutrina da criação do mundo, na criação do ser humano também é importante começar a refletir a partir do Prólogo do Evangelho de João e das Epístolas Paulinas, e não do relato de Adão no Paraíso. Com isso, fica muito mais fácil lidar com todas as dificuldades oriundas das visões de mundo Antiga e Moderna, como também o problema da historicidade dos primeiros capítulos de Gêneses, e sem ser infiel ao princípio bíblico<sup>13</sup>. Sendo assim, Brunner entende que a doutrina da criação deveria ser flexível, pronta a se adequar a cosmovisão de cada época<sup>14</sup>.

Fica evidente que Brunner cria que seria fiel ao conteúdo teológico ao insistir na necessidade de construir uma doutrina do estado primitivo baseada na Cristologia, pois só assim a doutrina de um estado antes do pecado poderá ter voz e acolhimento na visão de mundo moderna.

---

pode ter um discurso sobre a origem do ser humano, sem cair em pura mitologia, está no conteúdo que o Novo Testamento traz da protologia, e particularmente do ser humano: o ser humano (com toda a criação) desde sua origem está destinado à salvação, o homem é um “ser escatológico”. Assim expressou o próprio Rahner: “Isto permite compreender que uma doutrina do estado original com a elevação do homem à ordem sobrenatural e a doutrina do pecado original somente são possíveis no Novo Testamento e de fato só então surgiram” (Cf. RAHNER, Karl. *Reflexões Fundamentais sobre a Antropologia e a Protologia no conjunto da Teologia*, in: FEINER, J.; LÖEHRER, M. (Orgs.). *Mysterium Salutis II/2, (seção 1ª)*. Petrópolis: Vozes, 1971, pp. 6-12).

<sup>12</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 53.

<sup>13</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 52.

<sup>14</sup> Seguindo esta mesma linha de pensamento de La Peña expõe o seu alerta sobre o perigo do fixismo teológico a respeito da doutrina da criação: “...estamos diante de uma asserção de fé, é preciso resistir à tentação de comprometê-la com determinada cosmo-visão; a fé não pode estar ligada a esta ou aquela imagem do mundo, mas tem de conservar sempre sua liberdade diante de qualquer tipo de cósmovisão. O conteúdo da Palavra revelada ultrapassa sempre toda e qualquer teoria científica e, em geral, toda e qualquer formulação humana” (Cf. RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luiz. *Criação, Graça, Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 21). A origem da criação, e a própria revelação, não podem ter o seu entendimento fixado a uma forma de ver o mundo, presa ao tempo e ao espaço de uma época específica. Pois como artigo de fé, a criação transcende a qualquer tipo de objetivação humana. Ruiz de la Peña também vê a saída para esta exigência do discurso teológico, apenas quando o teólogo aceita que na inaudita novidade de Cristo se encontra o sentido para todas as coisas criadas. Em Jesus de Nazaré, o Deus criador de tudo se identifica com a natureza humana dignificando-a e dando-lhe o real sentido de existência. Por isso, Ruiz de la Peña vê no texto de Gênesis – ao qual ele confere um substrato judaico - uma submissão inevitável ao Prólogo de João. Pois é em João 1 que está a concretização do que é sinalizado em Gênesis, por isso João 1 é um texto normativo para Gênesis, e fonte de flexibilização frente a várias cosmos-visões de mundo que a Revelação precisa ser vista. Como ele mesmo vai dizer: “...pois só em Cristo é que se esclarece o porquê e o para quê das criaturas” (Cf. RUIZ DE LA PEÑA, *Criação, Graça, Salvação*, p. 22).

O Autor por nós analisado explica que a grande razão para se fazer uso do Novo Testamento na busca do entendimento da origem do ser humano está no fato de que em Jesus de Nazaré é mostrado o propósito de toda a criação. Deus criou todas as coisas por meio de sua vontade onipotente, mas esta vontade manifesta a liberdade com que Deus criou todas as coisas. Porque Deus é santo, Ele quis ser glorificado por meio de uma criação, mas este querer de Deus tem base em seu Santo Amor. Com isso, a liberdade com que Deus cria é semelhante a sua vontade de doar o seu Santo Amor e ter uma resposta livre de alguém que se sente amado e também O ame livremente. Chega-se a conclusão de que o amor é o propósito da Criação, como exprime Brunner: o amor é a *causa finalis* da Criação. Jesus Cristo, portanto, é a máxima concretização desse querer de Deus no que diz respeito à manifestação do seu Santo Amor na Criação, pois Cristo é a própria Palavra Amorosa de Deus encarnada. Por isso, conclui Brunner: “É precisamente porque a história do Antigo Testamento não contém este elemento que não pode ser o ponto de partida para a doutrina cristã da criação<sup>15</sup>”.

Neste aspecto, o pensamento teológico atual também concorda com esta chave de leitura, pois é aceito que a doutrina da criação é muito mais do que buscar a origem, isto porque o que realmente é importante está no fundamento e no sentido último de toda a realidade mundana. Para Ruiz de la Penha, por exemplo, o importante é responder o porquê e o para quê da realidade criada; este teólogo vai dizer que o *porquê* é o amor divino enquanto comunicador do ser; “o *para quê* é esse mesmo amor enquanto salvador e doador de plenitude a tudo criado”. Pois Ruiz de la Peña pensa que a criação já pressupõe em si mesma a salvação, pois isto está evidente em vários textos de Paulo, nos quais encontra-se o entendimento que a totalidade do real foi feita por e para Cristo; ele está no fim da história como salvador porque está em seu início como criador (1Cor 8,5-6; Cl 1,15-20; Ef 1,15-20), sendo assim o amor de Deus demonstrado em Cristo é a origem e o fim do ser humano<sup>16</sup>.

Mas o pensamento brunneriano está atento para o grande perigo de se confundir o estudo do ser humano à luz de Jesus Cristo, com a busca de se entender a natureza de Cristo. Dessa forma, pode-se cair no erro de tentar entender

<sup>15</sup> “It is precisely because the Old Testament story of Creation does not contain this element that it cannot be the starting-point for the Creation doctrine of Creation” (Cf. BRUNNER, *Dogmatics* (vol. II), pp. 13-14).

<sup>16</sup> RUIZ DE LA PEÑA, *Criação, Graça, Salvação*, pp. 9-13.

a origem do ser humano através de um estudo da humanidade de Cristo. Brunner observa que se assim for feito, a Cristologia tornar-se-ia o assunto principal, e o alvo de se entender o ser humano (análise antropológica) por meio de uma chave de leitura cristológica perder-se-ia<sup>17</sup>.

Com o que até aqui foi considerado (a real necessidade de se criar uma doutrina do estado primitivo, como também uma chave de leitura capaz de empreender tal feito) nós apresentaremos a seguir a proposta brunneriana de como seria o ser humano criado por Deus.

### 2.1.3. O ser humano criado antes do pecado

A partir de Jesus Cristo, como a chave para entender a existência humana criado segundo Deus, Brunner chega a algumas características que ele entende ser concernentes ao ser humano antes de uma situação de pecado. Mas é importante dizer que Brunner não dá uma “definição fechada” de como era o ser humano no seu estado original, antes ele apresentou *princípios* – que parece bem seguros para ele – que formariam a existência desse ser humano criado por Deus segundo a Sua imagem e semelhança.

Uma das características que podemos identificar no homem criado segundo Deus é a sua consciência de *criaturidade*<sup>18</sup>. Brunner mostra que enquanto o ser humano não entende a sua origem como criatura de Deus, ele tem a tendência de ignorar a sua corporeidade, vendo-a de maneira negativa e profana, como uma prisão da alma. Esse ser sem consciência de sua *criaturidade* tem também uma acentuada obstinação em *deificar* o seu espírito identificando-o com a Divindade. Eis o problema do dualismo antropológico<sup>19</sup>. Inevitavelmente, este

<sup>17</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol II)*, p. 53.

<sup>18</sup> Como também afirmou Ladaria: “...uma determinação fundamental do ser humano, que nunca o abandona, é sua criaturidade (Cf. LADARIA, Luiz F. *Introdução à Antropologia Teológica*. São Paulo: Loyola, p. 37).

<sup>19</sup> Merval Rosa na sua obra *Antropologia Filosófica*, acentua que o dualismo antropológico moderno no Ocidente tem sua raiz na filosofia grega. E sobretudo Descartes com o seu dualismo interacionista, segundo o qual a *res extensa* e a *res cogitans*, substâncias autônomas das quais o ser humano é formado, misteriosamente interagem tendo como consequência as ações humanas, e pelo paralelismo psicofísico de Leibniz, segundo o qual os dois elementos, físico e químico, desenvolvem-se paralelamente e são regidos pelo princípio da harmonia preestabelecida. Essa matriz de pensamento teve grande influxo na sociedade ocidental, de maneira que é muito difícil o



dualismo é constatado nos movimentos teológicos situados no Ocidente, e principalmente na religiosidade cristã contemporânea.

Para Brunner, esse dualismo só pode ser superado quando o ser humano é confrontado pela revelação de Deus, pois em Jesus Cristo, Deus se revela ao ser humano como o seu Criador, mostrando que ele é uma criatura que foi feita pelo grandioso amor de Deus, e que Deus quer ter uma relação com ele de maneira integral, incluindo o seu todo, corpo e espírito. Com isso, é somente no encontro com Deus que o ser humano se conhece como criatura, sendo inteiramente pertencente a Ele – sendo o corpo sinal claro de sua *criaturidade* – não cabendo qualquer tipo de mutilação. Sendo assim, por meio de sua consciência como criatura o ser humano se vê identificado com toda a natureza, a criação é dignificada<sup>20</sup>.

Brunner é um teólogo que dá grande importância à corporeidade como condição para se relacionar com Deus, como também com o próximo. Pois é na sua consciência corpórea e na integração desta com o espírito, que o ser humano se reconhece como criatura de Deus, e conseqüentemente reconhece o seu lugar junto a toda a criação<sup>21</sup>. Mas isso não é uma negação de que o ser humano também seja diferente do mundo, pois a doutrina da criação aponta o ser humano como tendo sido feito à Imagem de Deus<sup>22</sup>. Como Imagem de Deus o ser humano vive uma relação com o seu Criador, e é justamente isto que o distingue das outras criaturas: a liberdade de dizer sim ou não para Deus<sup>23</sup>.

---

homem moderno livrar-se dela (Cf. ROSA, Merval. *Antropologia Filosófica, Uma Perspectiva Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1996, pp. 175-176).

<sup>20</sup> García Rubio trabalha bem esta questão ao afirmar que o ser humano deve ser entendido na unidade existente entre corpo e alma/espírito. Tanto o idealismo materialista, como o espiritualismo são norteados por uma postura de relação de oposição-exclusão em relação à corporeidade e a alma, sempre eliminando uma das dimensões criadas por Deus no ser humano (Cf. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, pp. 95-103). Mas o verdadeiro ser humano encontra-se tanto em sua dimensão corpórea como na espiritual, é na unidade destas duas realidades humanas que se encontra a totalidade do humano: a pessoalidade. García Rubio alerta, no entanto, que as dimensões corpórea e espiritual do ser humano não são unidas de maneira monística, antes apontam para aspectos diversos da realidade unitária que é o ser humano concreto (Cf. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, pp. 348-1350). Quanto ao perigo do dualismo, eis o que diz García Rubio: “Diante das tendências unilateralmente espiritualistas e materialistas, redutivas e empobrecedoras do ser humano, importa sublinhar que a rica complexidade deste só é assegurada quando, fundamentados na fé do Deus criador-salvador e na realidade básica da pessoa, se valorizam positivamente tanto a dimensão espiritual com a corporeidade, articuladas fecundamente numa relação de integração-inclusão<sup>20</sup>” (Cf. RUBIO, *Unidade na Pluralidade*, pp. 358-359).

<sup>21</sup> BRUNNER, Emil. *Man in Revolt, A Christian Anthropology*. Cambridge: The Lutterworth Press, 1957, pp. 107-108.

<sup>22</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 54.

<sup>23</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 56.

Brunner identifica um ser humano que foi criado à Imagem de Deus como tendo sua existência na forma de um espírito encarnado em uma realidade concreta. Daí ser expurgado todo tipo de dualismo que tende a separar o corpo do espírito humano. Como ele assim mesmo expõe:

“Do ponto de vista da fé no Criador, o corpo material, e a matéria como tal, são as marcas distintivas do criado, como oposta à existência não criada do Criador. A natureza física do homem é, portanto, o sinal, a expressão concreta da natureza do homem como criatura, do fato de que não é Deus. Mas o fato de que o homem não é Deus não significa que esteja sem Deus. O homem como alma e corpo, portanto, foi criado para glorificar a Deus, por isso, ao contrário, a mais elevada autocomunicação de Deus é a Encarnação da Palavra em um homem de carne e sangue<sup>24</sup>”.

Com isso, Brunner apresenta a essência do homem criado por Deus como identificada com a necessidade de um reconhecimento de que o Deus que é criador do mundo e, portanto, do corpo, reclama o ser humano como um todo. Pois é na corporeidade que Deus se revela ao ser humano levando-o a produzir ações concretas que expressam a existência do homem como Imagem de Deus. O espírito seria a parte do homem onde Deus fala de maneira íntima; é no espírito que o ser humano sente o seu destino eterno – que o diferencia das outras criaturas como Imagem de Deus. Mas o espírito comunica a sua relação com Deus ao corpo, como o instrumento por meio do qual está completo. E Brunner chega a dizer que a parte onde Deus se revela ao homem não é o espírito separado do corpo, mas no lugar onde espírito e corpo são um: no coração<sup>25</sup>. De fato para o pensamento semítico o coração (*leb*) é o centro e sede da razão, juntamente com a capacidade de intelecção, conhecimento e discernimento, mas também estado de espírito como alegria ou tristeza<sup>26</sup>.

O homem ter a sua origem como espírito encarnado é mais preponderante ainda para a teologia brunneriana, pelo fato de a Palavra Criadora ter se tornado carne e osso. Isto realmente espanta qualquer possibilidade de descaracterizar a existência corpórea como algo estranho ao ser humano criado segundo Deus.

<sup>24</sup> “From the point of view of faith in the Creator, the material body, and matter as such, are the distinctive marks of the created, as opposed to the uncreated existence of the Creator. The physical nature of man is therefore the sign, the concrete expression of the creaturely nature of man, of the fact that he is not God. But the fact that man is not God does not mean that he is without God. Man as soul-and-body has therefore been created to glorify God, hence, conversely, the highest self-communication of God is the Incarnation of the Word in a man of flesh and blood” (Cf. BRUNNER, *Dogmatics* (vol. II), p. 62).

<sup>25</sup> BRUNNER, *Dogmatics* (vol. II), p.63.

<sup>26</sup> SATTLE, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. *Doutrina da Criação*. SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática* (vol. II). Petrópolis: Vozes, 2000, p. 151.

Sendo o corpo humano parte integrante do ser humano criado por Deus, Brunner levanta outra questão que está diretamente ligada ao ser humano criado segundo Deus: a polaridade sexual. Não é simplesmente a distinção sexual entre macho e fêmea que diferencia o ser humano das demais criaturas como Imagem de Deus, mas sim por serem marido e mulher. Pois a polaridade sexual está estritamente ligada a Imagem de Deus no ser humano porque ela deve ser vista pelo ângulo da relação. É muito importante aqui, o que o teólogo alemão Moltmann pensa a respeito da sexualidade e a Imagem de Deus no ser humano. Contra a idéia da alma assexuada de Agostinho e Tomás<sup>27</sup>, Moltmann expôs “que se Deus criou a sua imagem na terra como homem e mulher, então essa diferença original não é uma diferença subordinada, corporal, mas sim, uma diferença central<sup>28</sup>”. Brunner entendeu este ponto como sendo uma amostra de que o homem foi criado para responder ao convite de Deus a uma relação de amor.

<sup>27</sup> Agostinho entendeu o plural divino, “*façamos o homem conforme a nossa imagem...*”, como um singular, ao qual, também nas pessoas (criadas) só pode corresponder a um singular. Na criação o ser humano não foi criado conforme a cada pessoa divina, ou conforme a uma pessoa especificamente, para Agostinho a pessoa é a imagem do Uno, do verdadeiro Deus. A própria Trindade é o Deus uno e verdadeiro. Com isso, indo contra a teologia Oriental de Gregório de Nissa, que fez uso da primitiva família nuclear Adão-Eva-Set para entender a Trindade por meio de uma chave de leitura que priorizava a relação, Agostinho vai dizer que a pessoa corresponde a um caráter do Deus uno e trino, mas não a sua trindade interna. Isso levou Agostinho a ter inevitavelmente uma visão dualista no que diz respeito à polaridade sexual na criação do ser humano. Ele resolve a questão da diferença sexual de Gn 1,27, ao usar São Paulo (1Cor 11, 7) dizendo que o homem é a cabeça da mulher... Agostinho, na sua noção da relação entre sociedade e Imagem de Deus, deduziu que a mulher é imagem de Deus na medida em que ela se submete a posição de *Auxiliadora* do homem, pois ela sozinha não pode chegar a ser imagem de Deus, é essencialmente dependente do homem para chegar a este fim (Cf. AGOSTINHO. *A Trindade*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994, pp. 374-375). Santo Tomás segue as mesmas pegadas de Agostinho conferindo a imagem de Deus ao intelecto humano. No que diz respeito à diferença de sexo Tomás afirmou que isto não é considerado na natureza do espírito da pessoa. Moltmann resume o que dizem Agostinho e Santo Tomás: 1) A alma assexuada que domina o corpo é imagem de Deus; 2) Ela (a imagem de Deus) não corresponde a uma pessoa da trindade, mas a essência divina, uma e ao domínio divino, uno (Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na Criação, Doutrina Ecológica da Criação*. Petrópolis: Vozes, 1993, pp. 336-342). Fica claro, assim, que a “antiga teologia ocidental” representada por Agostinho e Tomás, por influência helenística, não vê a polaridade sexual como uma dimensão que aponta o aspecto relacional do ser humano que o prepara, porque é imagem de Deus, a viver o amor comunitário (como a Trindade vive).

<sup>28</sup> Este teólogo vai dar ênfase ao princípio de semelhança social de Deus no ser humano. No entanto, Moltmann rejeita uma possível idealização de padrão familiar desenvolvida por Gregório de Nissa baseada na família-nuclear Adão-Eva-Set. Pois a situação familiar não pode ser normativa para a Imagem e semelhança de Deus nas pessoas, sejam homens ou mulheres, e nem mesmo a doutrina da trindade pode ideologizar um padrão familiar. Antes o *triângulo antropológico* (Adão-Eva-Set) determina a existência de cada pessoa, e a relação homem-mulher caracteriza a sociabilidade insolúvel das pessoas (Cf. MOLTSMANN, *Deus na Criação, Doutrina Ecológica da Criação*, pp. 343). Com isso, vai dizer Moltmann: “A primeira (homem-mulher) é a comunhão recíproca dos sexos no espaço, a segunda (Adão-Eva-Set) é a comunhão das gerações no tempo” (Cf. MOLTSMANN, *Deus na Criação, Doutrina Ecológica da Criação*, p. 344). Sendo assim, se a pessoa toda é determinada como imagem de Deus, então a polaridade sexual e a

A teologia bruneriana diz que o homem se diferencia das demais criaturas como Imagem de Deus na medida em que ele foi criado para uma *existência-para-o-amor*. Somente um ser que vive em comunidade pode responder ao amor de um Deus que em Si é também comunidade. Com isso, fica evidente que a vivência em comunidade é um traço distintivo da natureza humana criada segundo Deus. E a polaridade sexual demonstra que o ser humano não foi criado para existir separadamente como uma existência apenas para si, mas é este estado de alteridade que dignifica-o como Imagem de Deus<sup>29</sup>.

No entanto, Brunner acentua que é fundamental entender que a individualidade é também um elemento característico da verdadeira humanidade. A própria polaridade sexual pressupõe uma individualidade entre os gêneros que se relacionam, pois Deus quer se revelar como Santo Amor a cada um de maneira própria, e é significativo Deus ter criado Adão como homem e Eva como mulher. E isso está em conexão com a vida em comunidade expressa pelas diferenças de sexo, porque só existe uma comunidade onde se encontram individualidades se relacionando. Como expressa o próprio Brunner:

“Como criados à Imagem de Deus todos os homens são iguais; criados como indivíduos, são diferentes. A necessidade de complementação, devido à disparidade, é a forma natural desta comunidade verdadeira, do *agápe* que pertence à verdade que o homem foi feito à Imagem de Deus”<sup>30</sup>.

Nesta questão a polaridade sexual e a individualidade humana devem ser consideradas à luz da existência do ser humano como um Eu. Mas este Eu para se constituir precisa se firmar em um Tu. Como já foi dito, em Jesus Cristo, Deus se encontra com os indivíduos – constituição do Eu – a fim de viver uma relação de amor de maneira responsável – dimensão comunitária, representada germinalmente na polaridade sexual.

Outro aspecto que Brunner considera seguro expor como constitutivo do ser humano criado por Deus é a sua posição como uma criatura que domina sobre o resto da criação. Brunner diz que não é vaidade o homem se ver como coroa da

---

comunhão de gerações, também representam à tendência a comunhão como algo constituinte do ser humano criado por Deus.

<sup>29</sup> BRUNNER, *Dogmatics (Vol. II)*, pp. 63-65.

<sup>30</sup> “As created in Image of God all men are equal; created as individuals, they are unequal. The need for completion, due to inequality, is the natural form of that true community, of *agape* which belongs to the truth that man has been made in the Image of God” (Cf. BRUNNER, *Dogmatics (Vol. II)*, p. 66).

criação, pois no Antigo Testamento a criação do ser humano aparece depois de uma série crescente de atos de criação, e sendo o ser humano a conclusão da criação de Deus.

Em sua obra de Antropologia Cristã *Man in Revolt*<sup>31</sup>, Brunner, sem deixar de considerar a verdade da miséria humana, no entanto vai dizer: “Todos nós percebemos o existir algo distintivo no homem que pertence a uma esfera mais elevada do que o restante da criação<sup>32</sup>”. O redator de Gênesis expõe um relato onde o ser humano encontra-se na função de dar nomes a toda criatura criada por Deus, mas Brunner explica que a razão do homem ter recebido de Deus certa autoridade – e domínio – sobre a criação tem a ver com a maneira diferente com que foi criado. Pois, a todas as criaturas, Deus chama à existência por meio de uma palavra de determinação, mas na criação do ser humano a Escritura acrescenta o Criador expressando: “Façamos o homem à nossa Imagem, conforme a nossa semelhança”. O relato de Gn 2 inevitavelmente diferencia o ser humano frente às outras criaturas, mas aqui Brunner alerta para o perigo de se enxergar a Imagem de Deus como identificada com o domínio do ser humano sobre a criação. O homem não é Imagem de Deus porque tem domínio sobre a Natureza, mas o ser humano só é chamado para ter domínio sobre a criação pelo fato de ter sido criado à imagem de Deus<sup>33</sup>. Isto abre possibilidades para uma contundente ética ecológica.

Brunner tratou o tema do domínio do ser humano sobre a natureza demonstrando os possíveis erros que poderiam decorrer deste pensamento. Ele disse que o verdadeiro entendimento do ser humano como um dominador da criação está no fato de que ele pode olhar a natureza “de longe”, sem colocar-se em uma postura de adoração do cosmos criado. Assim, Brunner considera a tendência pagã de divinizar a natureza como conseqüência de um estado humano afastado da verdadeira humanidade criada por Deus<sup>34</sup>.

No entanto Brunner também ressalta o fato de que o ser humano criado por Deus é um mordomo da natureza, sabendo que não cabe a exploração desordenada e a *coisificação* daquilo que foi criado por Deus. Pois, a verdadeira humanidade

---

<sup>31</sup> Esta obra foi escrita em 1937, anterior a *Dogmatics* que teve o seu último volume escrito em 1960.

<sup>32</sup> BRUNNER, *Man in Revolt*, p. 82.

<sup>33</sup> BRUNNER, *Dogmatics*, p. 66-67.

<sup>34</sup> *Ibid.*

entende que foi criada para viver o amor de Deus – por isso Cristo é o seu destino – e esse é o seu propósito de existir. Sendo assim, para o nosso teólogo de Zürich, não é a natureza em si, e muito menos a capacidade do ser humano de construir civilização que caracterizam a Imagem de Deus no homem, mas é antes o homem que vive como Imagem de Deus que domina com responsabilidade a criação de Deus e cria civilização *humanizadora*.<sup>35</sup> Caso contrário, a antítese se estabelece, e o ser humano passa a agir de maneira destruidora em relação à natureza e cria civilizações desumanas. É como o próprio Brunner afirma: “O homem não é chamado para um domínio absoluto, arbitrário, da natureza, mas para um domínio que permaneça sob a ordem do Criador, e, portanto, honra e ama o universo criado como criação de Deus<sup>36</sup>”.

Com isso pode-se dizer, segundo a teologia brunneriana insinua, que o ser humano criado pelas mãos de Deus originariamente, era um ser que tinha a potencialidade de dominar responsavelmente a natureza, como também de formar relacionamentos – civilizações – ideais, pois fora criado à Imagem de Deus.

Com isso pode-se concluir que o ser humano criado segundo Deus deve ser entendido através do conhecimento que o encontro com Jesus Cristo proporciona. Isto porque, o encontro com Jesus pela fé, leva o homem pecador a se encontrar em uma relação com o Deus Criador, que é também o seu salvador. Deus, por meio de Jesus Cristo, revela ao ser humano quem ele realmente é.

Através de uma leitura cristológica, pode-se assim dizer que o ser humano criado segundo Deus seria constituído de “corpo e alma”, onde Deus manifestaria o seu convite ao ser humano para viver uma relação com Ele em responsabilidade, e baseada no seu “Santo Amor”, tendo este convite uma ação integradora na existência humana: Corpo e Alma. Esse homem criado originariamente por Deus deveria responder livremente<sup>37</sup> ao amor de Deus. Pode-se entender mais detalhadamente o teor desta resposta ao convite feito por Deus ao ser humano, à luz da revelação de Jesus Cristo. Por meio de Cristo, Deus Pai revela todo o seu propósito ao homem que se questiona sobre a sua origem e destino. Assim, pode-

<sup>35</sup> Como acrescenta Ruiz de la Peña: “O mundo não é um fato consumado; é um devir cuja iniciativa pertence a Deus, mas cuja gestão concerne ao homem, Imagem de Deus” (Cf. RUIZ DE LA PEÑA, *Criação, Graça, Salvação*, p. 26).

<sup>36</sup> “Man is not called to an absolute, arbitrary mastery of Nature, but to a mastery of Nature which remains under the order of the Creator, and therefore honors and loves the created universe as God’s creation” (Cf. BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 68).

<sup>37</sup> Sobre este tema da liberdade, a pesquisa o aprofunda no tópico seguinte.

se dizer que o ser humano foi criado para responder a Deus, seja positiva ou negativamente, porém a vontade de Deus desde o início da criação era que o homem respondesse afirmativamente ao seu convite para uma relação de Amor. Do ponto de vista ideal da criação do ser humano, no entanto, não há a possibilidade de haver uma rejeição ao convite de Deus, por isso esta negação leva o homem a um estado de pecado, explica Brunner. Daqui desponta um tema que será aprofundado posteriormente: a verdadeira liberdade do ser humano é liberdade no amor de Deus<sup>38</sup>, como veremos a seguir.

## 2.2. Criado para responder ao amor de Deus livremente

Nesta parte da pesquisa nós temos a intenção de aprofundar alguns temas vitais na compreensão do pensamento brunneriano em relação a uma possível formulação de uma doutrina do estado original que se mantenha frente às novidades trazidas pela modernidade. O tema da *liberdade* será tratado com a intenção de se entender a dimensão e a limitação da liberdade que o ser humano recebeu quando foi criado por Deus. O tema do *propósito de Deus para a criação* também será abordado com o intuito de demonstrar que o ser humano foi chamado à existência, para ser um receptor do amor de Deus em sua plenitude em Jesus Cristo. O tema da *fragilidade do ser humano* tocará em um ponto importante para o diálogo com a compreensão do ser humano nos dias de hoje, quando ficará evidente que há grande dificuldade de se manter a figura de “homem perfeito” na origem humana criada por Deus.

Claro que a pesquisa dos temas desenvolvidos nesta parte não tem a intenção de apresentar uma síntese completa de cada assunto no todo da história da teologia, nem mesmo no todo do pensamento de Brunner – em relação a cada tema. Mas os temas expostos tem o seu sentido na medida em que ajudam na compreensão do pensamento de Brunner sobre a Imagem de Deus no ser humano antes do pecado.

---

<sup>38</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 73.

### 2.2.1. Entendendo a liberdade do ser humano na criação

Depois de ter exposto a visão brunneriana sobre a importância da construção de uma teologia amadurecida sobre a Doutrina do Estado Primitivo, nós vamos aprofundar num ponto que é crucial para entender o pensamento de Brunner acerca da Imagem de Deus antes do pecado. Para ele: o homem foi criado em liberdade para responder ao amor de Deus.

Deus criou o homem com o objetivo de partilhar com ele o seu Santo Amor, por isso o ser humano tem em sua constituição originária uma existência em liberdade. Em Jesus Cristo, mais uma vez a revelação de quem o ser humano é vem à luz, pois a fé em Jesus Cristo leva o ser humano a conhecer mais de si mesmo. Aqui, neste ponto, nosso teólogo de Zúrich novamente demonstra a importância de se entender o ser humano tomando como base a Revelação do Novo Testamento. Pois em Jesus Cristo Deus mostra-se como alguém que livremente quer partilhar a si mesmo, e que, para isto, exige uma resposta livre do ser humano.<sup>39</sup> Isso conduz a inevitável compreensão de que o ser humano foi criado por Deus, e que o cerne da constituição humana é a sua capacidade de livremente responder ao amor de Deus<sup>40</sup>.

Para entender como Brunner via a liberdade humana, também é importante ressaltar sua preocupação em mostrar que Deus criou um ser que pudesse refletir

<sup>39</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 55.

<sup>40</sup> No que diz respeito a esta liberdade inerente a constituição do ser humano, Karl Rahner pode ajudar muito com a sua idéia de *liberdade transcendental*. Esta liberdade que Rahner aludiu não é uma liberdade que possa ter a sua compreensão objetivada, que pudesse ser alcançada por análises empíricas. Esta liberdade existe no ser humano de maneira ontológica – tanto que muitas vezes nem mesmo a consciência a descobre diretamente - pois em todas as situações o ser humano se percebe como um “eu”, percebe-se como um sujeito entregue a si mesmo (Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004, pp. 50-51). Esta liberdade é direcionada a transcendência, na medida em que o ser humano tem em si este horizonte, e é inevitavelmente levado a dialogar com Deus. Sendo assim, esta liberdade vai constituir uma personalidade e uma responsabilidade que dá ao ser humano a condição de se posicionar frente ao transcendente que lhe é apresentado. Falando sobre a liberdade como pressuposto para uma salvação que é inerente a existência do ser humano, e negando uma salvação intervencionista e estranha a estrutura “livre-pessoal-responsável” do homem, Rahner explica: “Pelo contrário, refere-se à definitividade da verdadeira auto-compreensão e da verdadeira auto-realização da pessoa em liberdade diante de Deus, mediante o seu próprio ser autêntico, tal como se lhe manifesta e se lhe oferece na escolha da transcendência interpretada livremente. A eternidade da pessoa humana somente se pode entender como a liberdade autêntica e definitiva que se maturou para além do tempo” (Cf. RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*, p. 55). Com isso, fica a contribuição de Rahner, que como Brunner, entendeu a liberdade como algo fundamental e constituinte da natureza humana. A liberdade é que dá condições do ser humano dialogar com Aquele que se mostra a origem e o fim de sua existência.



algo que Ele mesmo possui: a pessoalidade. Deus “precisava”, para ser glorificado, de uma criatura que pudesse efetuar um ato espiritual livre, que fosse capaz de responder a sua interpelação como um Deus que deseja compartilhar a si mesmo. Esta seria, para Brunner, a única condição para Deus chegar ao propósito de sua criação: somente assim poderia o Seu amor realmente se comunicar como amor. Pois o Amor só pode comunicar-se onde é recebido em amor.

Nesse caso, fica evidente que a existência de um “Eu” sempre foi plano de Deus – e isto está diretamente ligado com a “*Imago Dei*”- pois somente um “Eu” poderia responder a um “Tu<sup>41</sup>”. Dessa forma expressa o próprio Brunner: Por isso o âmago da existência do homem como criatura é a liberdade, a individualidade, ser um “Eu”, uma pessoa<sup>42</sup>.

A teologia brunneriana também entende a liberdade humana não como uma existência autônoma em si, pois a liberdade dada ao ser humano tinha um propósito definido: ser usada como fonte de uma resposta autêntica (diálogo livre e responsável) ao amor de Deus. Nesse particular, nosso teólogo de Zürich entende a liberdade dada ao ser humano como uma liberdade responsável, isto é, uma liberdade limitada a responder eficazmente a interpelação de Deus. O fato do ser humano ter usado mal esta liberdade, e com isso entrado em uma situação de pecado, mostra como esta liberdade só pode ser entendida como liberdade responsável; sobre isso nós trataremos com mais profundidade em um capítulo posterior.

---

<sup>41</sup>Nesta questão sobre a pessoalidade como algo constituinte do ser humano criado por Deus, Ruiz de la Peña traz uma visão muito interessante ao dizer que na medida que Deus criou o homem para uma auto-comunicação gratuita e amorosa, esta vontade criativa é também vontade de encontro e diálogo, que traz à existência um ser que ao mesmo tempo é completamente dependente e inteiramente livre. Este paradoxo só pode ser entendido no âmbito das relações interpessoal. Ruiz de la Peña ilustra magistralmente ao usar o exemplo da mãe com o seu filho, para mostra a compreensão do paradoxo *liberdade-dependência*. Este teólogo mostra que a criação ao tomar consciência da presença e do amor da mãe, tem em si também gerado o amor que foi possibilitado e provocado pelo amor materno, este interpela uma resposta do ser gerado. Sendo assim, de la Peña vai dizer que na relação mãe e filho se estabelece uma forma de dependência que confere também autonomia, pois toda relação amorosa não é escravizante, mas libertadora e personalizadora. Eis como de la Peña pensa a inevitável relação *liberdade-dependência-pessoalidade*: “É, com efeito, a presença interpelante do tu que gera a consciência do eu e o exercício de sua liberdade. Sem esse tu, eu não teria por que (ou a quem) dar resposta, não seria responsável (= não seria livre) (Cf. RUIZ DE LA PEÑA, *O Dom de Deus, Antropologia Teológica*, p. 332). Dessa forma, de la Peña mostra que Deus é o Tu que através de seu sedutor amor gera no ser humano o Eu dialogal. Por isso há uma existência autônoma (livre), mas ao mesmo tempo uma necessidade de dialogar com o Tu (responsabilidade).

<sup>42</sup> Hence the heart of the creaturely existence of man is freedom, selfhood, to be an “I”, a person (Cf. BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 56).

## 2.2.2. A vontade de Deus para o ser humano

O ser humano consegue se distinguir do resto da criação, pois se vê como contendo algo que o joga para além do meramente biológico e físico<sup>43</sup>. Brunner desenvolve, em várias partes de seus escritos, a compreensão do propósito de Deus para sua criação: Deus criou todas as coisas para que tivesse o seu fim na glorificação de seu Nome. Com isso, é fundamental citarmos que esta glorificação tem o seu clímax na relação de amor que o Criador deseja ter com o ser humano. Assim, a criação é obra da Onipotência de Deus, mas é também obra de seu Santo Amor. O autor por nós analisado diz que o amor é a *causa finalis* da criação, e em Jesus Cristo esta razão ideal para a criação é revelada<sup>44</sup>. Com isso, o pensamento brunneriano parece ir ao encontro de uma antropologia cristológica parecida com a de Ireneu<sup>45</sup>, onde a encarnação não foi apenas resultado do pecado humano, pois, desde o princípio, Deus tinha o propósito de se unir à humanidade como fez em Jesus Cristo<sup>46</sup>.

Isso mostra a grande relação existente entre a origem do ser humano e o Verbo de Deus que se fez carne, e que trouxe ao ser humano a compreensão de seu destino como um ser criado para o amor de Deus.

Na sua Dogmática, na parte que explica a origem da criação, Brunner ressalta que a doutrina cristã, diferente da filosofia grega, postula que se a criação tem o seu fim no desejo de Deus se manifestar a Si mesmo<sup>47</sup>, o ser humano é certamente o principal alvo deste desejo de Deus – não que Deus não seja, e não queira ser glorificado pelas demais criaturas. Dessa forma, a teologia brunneriana

<sup>43</sup> BRUNNER, *Man in Revolt*, p. 82.

<sup>44</sup> BRUNNER, *Dogmatics (Vol. II)*, p. 13.

<sup>45</sup> Para Ireneu o Verbo encarnado foi o modelo que Deus utilizou para criar o ser humano segundo sua “imagem e semelhança (Cf. GONZÁLEZ, J. *Uma História Ilustrada do Cristianismo, A Era dos Mártires (vol. I)*. São Paulo: Vida nova, 1995, p. 113). Ireneu dá um sentido *crístico* à criação ao dizer: “...o Verbo existia, desde o princípio junto de Deus, que por sua obra foram feitas todas as coisas, que sempre esteve presente no gênero humano e que justamente ele, nestes últimos tempos, segundo a hora estabelecida pelo Pai, se uniu à obra de suas mãos...” (Cf. IRENEU. *Contra as Heresias, Coleção Patrística (vol.IV)*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, p. 328).

<sup>46</sup> GONZÁLEZ, *Uma História Ilustrada do Cristianismo, A Era dos Mártires (vol. I)*, p. 113.

<sup>47</sup> Eis um interessante comentário de Brunner acerca do diferencial da atitude de Deus (na visão cristã) em relação ao ser humano: “Isto constitui, como dissemos, a mensagem absolutamente incomparável do Evangelho, a saber, que Deus veio ao homem e que o homem não foi a Deus; que Deus resolve a contradição e não o homem; que Deus faz reconciliação e não o homem; exatamente isto constitui a diferença entre o Evangelho e todas as outras religiões e filosofias” (Cf. BRUNNER, Emil. *Teologia da Crise*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000, p. 67).

entende que em Deus havia um “existir-por-nós” mesmo antes do ser humano ter sido criado, seria a “Vontade Eterna” de Deus, ou mais especificamente o que Brunner chamou de “decreto da criação”. Neste ponto, Brunner traz à luz a importância da doutrina da revelação, pois esta discursa sobre um Criador que anuncia ao ser humano os seus propósitos para a humanidade; dessa forma explica Brunner:

“Mas, também não é acidental que o mesmo registro acidental da revelação o qual fala do plano divino da salvação, também lida com o plano ou decreto da criação; pois como poderia o propósito de Deus para o mundo não ser Seu plano, que o precede<sup>48</sup>?”

Sobre esta vontade eterna de Deus, e o propósito perene em relação à criação, pode servir como ajuda de compreensão a formulação da teologia atual sobre a idéia de um *Cristocentrismo da Criação*. A teologia “mais atual” entende que o universo tem como destino uma culminância salvífica, isto está em direta relação com a estada do ser humano no universo. O ser humano desde a sua criação está destinado a receber de Cristo a plenitude de sua existência. O ser humano tem maior significância no *cristocentrismo da criação* porque este apresenta ao ser humano a razão última do seu existir e a sua identidade como ser livre e dotado de capacidade de diálogo com Aquele que lhe convida a fazer parte de seu Reino na pessoa de Jesus Cristo. O ser humano foi criado para ser o receptor do amor de Deus, este é o seu diferencial frente às outras coisas criadas. No entanto, é importante entender que a vontade de Deus na criação não pode ter uma causa externa a não ser a própria vontade gratuita de Deus em manifestar o seu amor infinito. Sendo assim, chega-se à inevitável compreensão de que nada (pecado, o ser humano, etc.) poderia ser a causa primária da sua máxima manifestação de amor, que foi o seu filho Jesus Cristo, senão a sua livre vontade. Aqui está a base da compreensão do *cristocentrismo da criação*: o Verbo de Deus é a origem e o fim do ser humano e de toda a criação<sup>49</sup>. França Miranda, por exemplo, assim comenta: “...criação e encarnação não são duas realidades que se justapõem, mas duas fases de um único desígnio de sair de si, de se comunicar ao

<sup>48</sup> “But it is also no accident that the same original record of revelation which speaks of the divine plan of Salvation, also deals with the plan or decree of Creation; for how could God’s purpose for the world not be His plan which precedes it?” (Cf. BRUNNER, *Dogmatics (Vol. II)*, p. 4).

<sup>49</sup> MIRANDA, Mario de França. *A Salvação de Jesus Cristo, A Doutrina da Graça*. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 41-43.

não-divino, ao ser humano, fazendo-o assim participar de sua vida e da sua felicidade<sup>50</sup>”.

Brunner também diz que a vontade de Deus para o ser humano e para toda a criação de forma geral, ou seja, o Seu decreto para a criação é apenas conhecido pelo ser humano por meio de uma revelação que tem o seu desenvolvimento no seio da história. Mas esta revelação que leva o ser humano ao conhecimento do decreto divino para a criação, não é um conhecimento natural existente no ser humano<sup>51</sup>, antes é a atuação de Deus demonstrando o seu propósito de ter uma relação com o ser humano, e isto é manifesto em Jesus Cristo. Nosso teólogo de Zürich explica que a revelação histórica de Deus na pessoa de Jesus Cristo tem o seu diferencial, em razão de se distinguir das teorias sobre as gêneses de todas as coisas, como também dos mitos das religiões. Pois em Jesus Cristo, Deus apresenta-se ao ser humano como o Senhor de todas as coisas. Em primeiro lugar aquele que crer na Revelação é levado a reconhecer o senhorio de Deus, e é a fé neste Governo de Deus que o leva a crer que todas as coisas foram criadas pelo Verbo de Deus. Mais uma vez fica ressaltado por que para Brunner é fundamental compreender a criação a partir do Prólogo do Evangelho de João e das Epístolas<sup>52</sup>. A sua insistência nesta hermenêutica parece ter a sua razão em seu objetivo teológico – que é o tema do presente capítulo da pesquisa: construir uma Doutrina do Estado Primitivo que possa falar à sociedade moderna<sup>53</sup>.

O pensamento brunneriano ainda afirma que é propósito de Deus, desde o início da criação, a constituição de um “outro” que possa responder ao seu amor. A teologia de Brunner expõe a compreensão de que Deus levou tão a sério esse seu propósito de dar existência a um ser humano que teria condições de ser o interlocutor de Deus, de orar e conversar, de ser alguém em plenas condições de estar em “oposição” ao Criador, esse propósito foi tão sério para Deus que Brunner chegou à conclusão de que na criação – com o seu objetivo intrínseco: partilhar seu Santo Amor – Deus se auto-limita a fim de dar liberdade ao ser humano e assim o constituir verdadeiramente como um “outro”, que possa

<sup>50</sup> MIRANDA, *A Salvação de Jesus Cristo*, p. 43.

<sup>51</sup> Brunner reconhece que em várias religiões – as seitas do Hinduísmo, no Zoroastrismo e Islamismo - há traços de um testemunho de Deus como o criador de toda a realidade, no entanto, para ele este testemunho é maculado pela incapacidade intrínseca do ser humano em compreender os testemunhos da criação sem distorcê-los (Cf. BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 5).

<sup>52</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, pp. 7-9.

<sup>53</sup> Uso aqui o termo *moderno* referindo-o a “tempos atuais”, o que confunde o termo com a idéia de contemporaneidade.

responder ao seu Amor livremente<sup>54</sup>. E a encarnação do Cristo é grande prova da alteridade desse Deus que se esvazia a si mesmo, para que o ser humano possa compartilhar de seu amor.

### **2.2.3. O ser humano como uma criatura frágil**

Nós trataremos também de um tema que está implícito em toda a antropologia de Brunner, pois na teologia brunneriana toda antropologia que tem a pretensão de ser relevante deve considerar a seguinte verdade: o ser humano não era “perfeito”, pois apesar de ter sido criado em plenas condições de responder ao Santo Amor de Deus – Deus sim, é perfeito – ele fora criado sob uma fragilidade que o arremetia a uma dependência de Deus, como também de toda obra criada.

Por tudo o que já foi mostrado sobre o pensamento de Brunner, nós chegamos à inevitável conclusão de que a compreensão do ser humano antes do pecado, deve também considerar que ele foi criado destituído de uma “autonomia-radical”. Deus fez o ser humano com um propósito que o orientava a desenvolver uma existência sempre aberta para o “outro”, para que pudesse se constituir como um ser possuidor de verdadeira humanidade. Com isso, fica claro que o Criador fez o ser humano com a intenção de construir uma realidade que pudesse viver os valores existentes em seu Santo Amor, por isso Brunner pôde concluir que o alvo da criação é o Reino de Deus<sup>55</sup>.

Para nosso teólogo de Zürich fica evidente que a figura de um casal com poderes supra-humanos – construção da tradição teológica desde Agostinho – não é mais aceitável nos dias de hoje. Isto porque, tanto a ciência como a exegese avançaram de tal maneira que ficou evidente toda a carga mitológica dos relatos dos primeiros capítulos do livro de Gênesis. E particularmente a exegese histórico-crítica, demonstrou a influência pagã na compreensão do início de todas as coisas que a Igreja herdara<sup>56</sup>. A teologia Oriental já cunhara desde o século II a idéia de um ser humano frágil em sua origem, bem diferente do homem perfeito que a tradição posterior pintou. Sendo assim, para Ireneu (bispo de Lião no

<sup>54</sup> BRUNNER. *Dogmatics (vol. II)*, p. 20.

<sup>55</sup> BRUNNER. *Dogmatics (vol. II)*, p. 14.

<sup>56</sup> BRUNNER, *Dogmatics (vol. II)*, p. 9.

século II) o ser humano foi criado como um ser em devir, Adão e Eva não passavam de crianças em crescimento. Ireneu tinha sua antropologia pautada na pedagogia de Deus (como era comum nos Padres), pois ele entendia que a intenção de Deus era levar o ser humano a ser um homem espiritual, mas para que a humanidade chegasse à “perfeição” seria necessária uma caminhada de longo amadurecimento<sup>57</sup>. Eis um substrato do pensamento de Ireneu que mostra bem a sua visão sobre a fragilidade humana na criação:

“Se alguém perguntasse: Ora! Deus não podia fazer o homem perfeito desde o princípio? Saiba que no que diz respeito a Deus, que é incriado e sempre igual a si mesmo, tudo era possível, mas as suas criaturas, enquanto receberam depois o início da existência, eram necessariamente inferiores a quem as fez. Com efeito, era impossível que seres criados há pouco fossem incriados, e, pelo fato de não serem incriados, estão abaixo da perfeição e pelo fato de serem subseqüentes são como criancinhas e como tais não estão acostumados nem treinados para disciplina perfeita<sup>58</sup>”.

Muitos teólogos atuais identificam o imaginário original de uma dupla perfeição do mundo e do homem criados em seus longínquos primórdios, a um arquétipo clássico, tanto nas culturas humanas como nos indivíduos. Trata-se de um arquétipo da idade de ouro, que leva a ver tanto a história como o indivíduo em um passado ideal onde tudo era maravilhoso e perfeito, este arquétipo é mais acentuado quanto mais hostil é o presente. Por isso existe a postura de voltar a esta arquetípica idade de ouro. Esta visão arquetípica, que influenciou a tradição cristã, vê a realidade constituída de uma Idade de ouro original, degradação progressiva ao longo de toda a história, depois restauração da perfeição primitiva por um salvador providencial. Esta visão arquetípica entende a história da salvação de maneira cíclica, enquanto o Novo Testamento pensa a história de Adão a Cristo em uma perspectiva linear e ascendente, rejeitando assim a visão cíclica do esquema arquetípico. François Varone é um exemplo de teólogo que rejeita esta perspectiva cíclica, que vê o ser humano no seu estado original como uma criatura frágil e em desenvolvimento:

“Em lugar de aumentar ao infinito o personagem de Adão, considere-o como o humilde início de uma humanidade que mais tarde chega, em Cristo, à plenitude de seu desenvolvimento. Esta perspectiva continuará ainda entre os Padres, num Santo Ireneu e

<sup>57</sup> LIÉBAERT, Jacques. *Os Padres da Igreja (vol. I)*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 66; 69.

<sup>58</sup> IRENEU. *Contra as Heresias*, p. 505.

num Santo Ambrósio, antes de desaparecer definitivamente pela obra de Santo Agostinho<sup>59</sup>.

A consciência de *criaturidade* que o ser humano criado por Deus antes do pecado possuía – como já foi visto – corrobora o fato de que o homem tinha a sua dignidade não em uma suposta perfeição, mas em assumir que era criatura de Deus. O ser humano, portanto, tinha o seu estado ideal<sup>60</sup> em uma vivência que o possibilitava compreender-se como um sujeito, sim um “eu”, mas que a sua personalidade e individualidade eram dependentes da aceitação da existência e diálogo com um “tu” – Deus, primariamente, como também o resto da criação. O ser humano foi criado com uma estrutura (o “eu”) para ter o seu desenvolvimento por meio de um relacionamento com um “Tu”. Esta constatação - que Brunner entendeu que possui vasto apoio bíblico - traz à luz um ser humano criado em uma condição de necessidade (do “tu” neste caso), bem diferente do ser perfeito da tradição. Para Brunner, como para uma grande parte do pensamento teológico de hoje e de ontem, o ser humano criado por Deus era essencialmente frágil, ainda que pudesse não ser pecador.

A polaridade sexual também demonstra isso, o teólogo de Zürich via o ser humano como uma criação de Deus que essencialmente foi criado para uma vida comunitária. O ser humano é considerado completo e ideal, apenas quando é considerado em sua completude existencial proporcionada pela polaridade sexual – seja no Javista ou no relato Sacerdotal.

A própria liberdade do ser humano, para Brunner, é sinal de sua situação de dependência e fragilidade. Pois ele recebera de Deus a liberdade para dizer sim à relação de Amor com Deus. Nessa relação, o homem reconhece Deus como o Senhor e fonte de sua existência, não cabendo ao ser humano criado por Deus a opção de dizer não para seu Criador, sem que isto lhe acarrete danos em sua existência – um estado de pecado.

## CONCLUSÃO

---

<sup>59</sup> VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento (Coleção Teológica: 5)*. São Paulo: Editora Santuário, 2001, pp. 217-218.

<sup>60</sup> Usa-se a palavra *ideal* aqui, com a intenção de diferenciá-la de perfeição. Ideal seria um estado de máxima perfeição possível, não a perfeição em si. No presente caso, trata-se ideal o homem sem pecado.

Pelo que foi visto, podemos concluir que a Imagem de Deus no ser humano em sua constituição original (antes do pecado) se caracterizava como uma existência acertada diante do amor de Deus. O ser humano vivia responsabilmente, e de maneira positiva a sua relação com Deus. E esta forma de viver era semelhante a viver-no-Amor-de-Deus. Por isso o ser humano antes do pecado podia se aceitar como uma criatura e via o seu Criador como uma extensão de sua existência, e com Ele estabelecia uma relação comunitária (a dimensão “Eu”-“Tu”, que é também esboçada na polaridade sexual). O ser humano criado por Deus também era capaz de ver nas outras coisas criadas os sinais da bondade de seu Criador para com ele, pois sendo Imagem de Deus o ser humano estava apto para administrar responsabilmente a criação divina. Por isso, tinha como consequência a criação de relações humanizadoras com o seu próximo. Sem a presença do pecado o ser humano tinha a sua liberdade direcionada para responder positivamente a sua vocação de ser Imagem de seu Criador.

Estas conclusões acima listadas por nós estão ligadas e submetidas à importância da encarnação de Jesus Cristo como evento revelador de quem o ser humano realmente é. Somente a partir do propósito divino revelado em Jesus Cristo que é possível se entender, e conseqüentemente se formular uma doutrina do estado primitivo. E só assim também é sensato entender que o que caracteriza o ser humano como Imagem de Deus é a sua vocação relacional com o Deus criador, e que ele não foi criado como um “super-ser”, perfeito e infalível. Antes, o pensamento brunneriano compreende (como muitos teólogos) que o ser humano tem a sua dignidade como Imagem de Deus na medida em que espera em Deus a razão e a maturidade para viver a jornada da vida, o que acontece em sua plenitude na revelação de Jesus Cristo – origem e fim da existência humana.